

Título original: *Walter Benjamin: avertissement d'incendie: une lecture des thèses "Sur le concept d'histoire"*

Tradução: Wanda Nogueira Caldeira Brant
Jeanne Marie Gagnebin
Marcos Lutz Müller

Tradução das teses: Ivana Jinkings
Aluizio Leite

Coordenação editorial: Ana Paula Castellani

Assistente: Ricardo Lísias
Renata Dias Mundt

Revisão: Raquel Sallaberry Brião
David Amiel
(sobre quadro de M. K. Ciurlionis)

Edição eletrônica e tratamento de imagens: Marcel Iha

Capa: OESP

Produção gráfica: Marcel Iha

Fotolitos: OESP

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sem a expressa autorização da editora.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

L956W

Löwy, Michael, 1938-

Walter Benjamin : aviso de incêndio : uma leitura das teses "Sobre o conceito de história" / Michael Löwy ; tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant, [tradução das teses] Jeanne Marie Gagnebin, Marcos Lutz Müller. - São Paulo : Boitempo, 2005
160p. : il.

Tradução de: Walter Benjamin : avertissement d'incendie : une lecture des thèses "Sur le concept d'histoire"
ISBN 85-7559-059-6

1. Benjamin, Walter, 1892-1940. Sobre o conceito de história. 2. Benjamin, Walter, 1892-1940 - Crítica e interpretação. 3. História - Filosofia - Filosofia alemã. I. Título.

05-0096.

CDD 193

CDU 1(43)

1ª edição: fevereiro de 2005

BOITEMPO EDITORIAL

Jinkings Editores Associados Lrda.

Rua Euclides de Andrade, 27 Perdizes

05030-030 São Paulo SP

Tel/Fax: (11) 3875-7250 / 3872-6869

e-mail: editora@boitempo.com

site: www.boitempo.com

O conformismo que, desde o início, sentiu-se em casa na socialdemocracia, adere não só à sua tática política, mas também às suas idéias econômicas. Ele é uma das causas do colapso ulterior. Não há nada que tenha corrompido tanto o operariado alemão quanto a crença de que ele nadava com a correnteza. O desenvolvimento técnico parecia-lhe o declive da correnteza em cujo sentido acreditava nadar. Dai era um só passo até a ilusão de que o trabalho fabril, que se inserisse no sulco do progresso técnico, representaria um feito político. A velha moral protestante do obrar celebrava, em forma secularizada, a sua ressurreição entre os operários alemães. O programa de Gotha em si já traz as marcas dessa confusão. Ele define o trabalho como "a fonte de toda riqueza e de toda cultura". Presentindo funestas consequências, Marx replicou que o homem que não possui outra propriedade a não ser sua força de trabalho "tem que ser escravo dos outros homens que (...) se fizeram proprietários." Malgrado essa advertência, a confusão continua a difundir-se e, pouco depois, Joseph Dietzgen proclama: "Trabalho chama-se o salvador dos tempos recentes... No (...) aperfeiçoamento (...) do trabalho consiste a riqueza, que pode, agora, consumir o que nenhum redentor até hoje consumiu." Esse conceito marxista vulgar do que é o trabalho não se detém muito na questão de como os trabalhadores tiram proveito do seu produto enquanto dele não podem dispor. Esse conceito só quer se aperceber dos progressos da dominação da natureza, mas não dos retrocessos da sociedade. Ele já mostra os traços tecnocráticos que serão encontrados, mais tarde, no fascismo. A esses pertence um conceito de natureza que, de maneira prenunciadora de sinistros, se destaca do conceito de natureza das utopias socialistas do Pré-Março [de 1848]. O trabalho, como será compreendido a partir de então, se resume na exploração da natureza, que é, assim, com satisfação ingênua, contraposta à exploração do proletariado. Comparadas com essa concepção positivista, as fabulações de um Fourier, que deram tanta margem para escarnecê-lo, revelam o seu surpreendente bom senso. Segundo Fourier, o trabalho social bem organizado deveria ter por consequência que quatro luas iluminassem a noite terrestre, que o gelo se retirasse dos pólos, que a água do mar não fosse mais salgada e que os animais de rapina se pusessem a serviço do homem. Tudo isso ilustra um trabalho que, longe de explorar a natureza, é capaz de dar à luz as criações que dormitam como possíveis em seu seio. A esse conceito corrompido de trabalho pertence, como seu complemento, a natureza que, segundo a expressão de Dietzgen, "está aí grátis".

Se na tese X Benjamin acertou contas sobretudo com o conformismo stalinista, na tese XI ele ataca o conformismo socialdemocrata. Nos dois casos, seu ponto de partida é a vontade de compreender as causas profundas da derrota do movimento operário alemão diante do fascismo hitlerista.

A ideologia do "trabalho" promovida pela socialdemocracia era apenas uma forma secularizada da ética protestante do trabalho, cujos laços íntimos — por *afinidade eletiva* — com o espírito do capitalismo tinham sido desnudados pelas pesquisas de Max Weber, bem conhecidas de Benjamin. Essa celebração acrítica do "trabalho como a fonte de toda a riqueza" faz abstração do fato de, no sistema capitalista, o trabalhador ser reduzido a uma condição de escravidão moderna e ser privado, pelos capitalistas, das riquezas que ele produz. Benjamin se inspira ao mesmo tempo em Weber e em Marx para criticar a postura conformista da socialdemocracia diante da produção industrial/capitalista.

O culto ao trabalho e à indústria é, ao mesmo tempo, o culto ao progresso técnico — tema que ocupa Benjamin intensamente desde os anos 1920. No ensaio sobre Fuchs de 1937, um texto que já contém os principais temas da tese XI, ele insiste no contraste entre "o otimismo duvidoso" da socialdemocracia, que ignora a energia destruidora da técnica, em particular a militar⁸⁴ e "a intuição fulgurante" de Marx e Engels sobre a evolução possível do capitalismo em direção à barbárie⁸⁵.

⁸⁴ W. BENJAMIN, "Eduard Fuchs collectionneur et historien", *Macula*, 3/4, 1978, p. 49. Cf. p. 45: O positivismo esqueceu que o desenvolvimento da técnica "foi condicionado de maneira determinante pelo capitalismo". E os positivistas, entre os teóricos socialdemocratas "desconhecem o aspecto destruidor da técnica porque se tornaram alheios ao aspecto destruidor da dialética". O potencial destruidor manifestou-se sobretudo na técnica militar. Benjamin insistia — por exemplo, em *Rua de mão única* — nos bombardeios, na guerra química e nos gases, mas mesmo ele, o mais pessimista de todos, não podia prever o que seria a barbárie moderna da Segunda Guerra Mundial.

⁸⁵ Talvez Benjamin se refira a um texto de Marx de 1847, que comenta algumas das manifestações mais sinistras do capitalismo, como as leis dos pobres ou as *workhouses* — essas "bastilhas dos operários", nos seguintes termos: "A barbárie ressurge, mas desta vez é engendrada no próprio âmbito da civilização e dela é parte integrante. É a barbárie leprosa, a barbárie como lepra da civilização" (K. MARX, "Arbeitslohn", 1847 em *Kleine ökonomische Schriften*, Berlim, Dietz, 1955, p. 245).

Na tese XI, trata do positivismo da ideologia do progresso socialdemocrata. No ensaio sobre Fuchs já se referia ao positivismo, ao darwinismo e ao evolucionismo da socialdemocracia europeia, e mencionava o italiano Enrico Ferri – segundo o qual a técnica do partido obedecia às leis da natureza – como um exemplo típico.

Algumas passagens da obra de Ferri ilustram o gênero de discurso contra o qual Benjamin se insurgia. Segundo o pensador socialpositivista italiano, “o que o socialismo científico pode afirmar, e afirma, com uma certeza matemática, é que a corrente, a trajetória da evolução humana segue no sentido indicado e previsto pelo socialismo, ou seja, de uma preponderância progressiva e contínua dos juros e do lucro do dinheiro sobre os interesses e benefícios do indivíduo (...). O socialismo é uma fase natural e espontânea e, conseqüentemente, inevitável e irrevogável, da evolução humana”⁸⁶. De fato, encontramos formulações completamente semelhantes em Kautsky, Plekhanov, mas também em Friedrich Engels, que Benjamin não menciona⁸⁷. A tese XI, assim como o ensaio sobre Fuchs, criticam esse tipo de doutrina determinista e evolucionista, que dá idéia de que a vitória do partido é garantida antecipadamente. Da mesma maneira, em uma variante, Benjamin cita uma passagem de Dietzgen: “Aguardamos nosso tempo” (GS I, 3, p. 1249).

A polémica da tese XI visa, então, à ilusão de nadar com a correnteza do desenvolvimento técnico – uma correnteza que se supõe levar necessariamente ao triunfo do socialismo “científico” (no sentido positivista do termo). Esse fatalismo otimista somente poderia levar o movimento operário à passividade

⁸⁶ E. FERRI, *Socialism and positive science (Darwin-Spencer-Marx)*, 1896 (Londres, ILP, 1906), p. 114.

⁸⁷ O partido operário alemão “aumentou e desenvolveu suas forças de maneira tão segura e irresistível quanto o cristianismo outrora, de modo que a equação de sua taxa de crescimento (*Die Gleichung ihrer wachsenden Geschwindigkeit*) – e, portanto, o momento de sua vitória final – pode desde já ser calculada matematicamente” (Friedrich Engels, carta a Kautsky, 8 de novembro de 1884, em MARX; ENGELS, *Wërke*, cit., v. 36, p. 230). Ver o comentário esclarecedor sobre o positivismo e o evolucionismo em alguns textos de Marx e Engels em É. BALIBAR, *La crainte des masses: dialectique et philosophie avant et après Marx* (Paris, Galilée, 1997), p. 273-5. Resta saber por que Benjamin não se refere – ou o faz pouco – a Marx e a Engels em suas observações críticas: voltarei a essa questão na conclusão.

e ao imobilismo – quando, ao contrário, seria preciso intervir urgentemente, agir rapidamente antes que fosse tarde demais, antes da catástrofe que se deli-neava no horizonte. Essa é uma das razões da derrocada de 1933.

Essa concepção evolucionista/positivista da história “só quer se aperceber dos progressos da dominação da natureza, mas não dos retrocessos da sociedade”. Encontramo-la, mais tarde, sob outra forma, na ideologia tecnocrática do fascismo. Ao contrário de tantos outros marxistas, Benjamin percebera claramente o aspecto moderno, tecnicamente “avançado” do nazismo, associando os maiores “progressos” tecnológicos – principalmente no domínio militar – aos mais terríveis retrocessos sociais. O que foi somente sugerido na tese VIII é, aqui, explicitamente afirmado: o fascismo, apesar de suas manifestações culturais “arcaicas”, é uma manifestação patológica da modernidade industrial/capitalista, que se apóia nas grandes conquistas técnicas do século XX⁸⁸. O que, obviamente, não quer dizer que, para Benjamin, a modernidade não possa tomar outras formas, ou que o progresso técnico seja necessariamente nefasto.

Em seu famoso – e em muitos aspectos notável – ensaio crítico sobre Benjamin, Jürgen Habermas escreveu: “Não se pode dotar o materialismo histórico – que considera o progresso não só na esfera das forças produtivas, mas também na da dominação – de uma concepção antievolucionista da

⁸⁸ As intuições de Benjamin sobre a tecnocracia fascista foram confirmadas pela pesquisa histórica recente. Ver, por exemplo, os trabalhos de: J. HERF, *Reactionary Modernism: Technology, Culture and Politics in Weimar and the Third Reich* (Cambridge University Press, 1986); Z. BAUMAN, *Modernity of Holocaust* (Cambridge, Polity Press, 1989); e E. TRAVERSO, *L'histoire déchirée: essai sur Auschwitz et les intellectuels* (Paris, Cerf, 1997). J. Herf caracteriza como “modernismo reacionário” a ideologia do III Reich e analisa nesse quadro os escritos de ideólogos fascistas conhecidos e os documentos de associações de engenheiros pró-nazistas. Quanto ao sociólogo Zygmunt Bauman, analisa o genocídio dos judeus e dos ciganos como um produto típico da cultura racional burocrática e como um dos resultados possíveis do processo civilizatório enquanto racionalização e centralização da violência e enquanto produção social da indiferença moral. “Como qualquer outra ação conduzida de maneira moderna – racional, planejada, cientificamente informada, gerenciada de maneira eficaz e coordenada – o Holocausto deixou para trás... todos os seus pretensos equivalentes pré-modernos, revelando-os como primitivos, dissipadores e ineficazes comparativamente”. Enfim, segundo Enzo Traverso, nos campos de extermínio nazistas, encontramos uma combinação de diferentes instituições típicas da modernidade:

história, como um capuz de monge”⁸⁹. Essa afirmação me parece discutível. Ela provoca muitas questões, por exemplo:

- É tão certo que se possa falar de “progresso” na esfera das formas de dominação – *Herrschaft* – se compararmos o século XX – a era dos totalitarismos e genocídios – com o século XIX?
- O materialismo histórico é necessariamente uma doutrina evolucionista? Não encontramos no próprio Marx textos evolucionistas assim como não-evolucionistas – como, por exemplo, seus últimos escritos sobre a Rússia? E, se é verdade que as tendências evolucionistas e positivistas predominaram no marxismo desde o final do século XIX, não encontramos *também* eminentes representantes do materialismo histórico não-evolucionista, desde Antonio Labriola e Rosa Luxemburgo até a própria Escola de Frankfurt, de que Habermas se pretende herdeiro?
- A crítica ao evolucionismo histórico e à sua fé no progresso irresistível das formas de dominação é necessariamente uma regressão obscurantista rumo ao passado – um “capuz de monge” – ou sobretudo, à luz das catástrofes do século XX, uma versão lúcida dos perigos que traz consigo a civilização moderna?

- Para o materialismo histórico, a grande disputa das lutas emancipadoras é uma melhora, um “progresso” nas formas de dominação ou sobretudo a abolição de qualquer *Herrschaft* de um ser humano sobre outro, de uma classe sobre outra – o verdadeiro estado de exceção, segundo Benjamin? O conceito de *Herrschaft* não designa, para ele, como para Max Weber, a possibilidade abstrata de se fazer obedecer⁹⁰, mas algo mais concreto e mais radical (como, por exemplo, em Maquiavel): o exercício autoritário do po-

ao mesmo tempo, o presídio descrito por Foucault, a fábrica capitalista de que falava Marx, a “organização científica do trabalho” de Taylor, a administração racional/burocrática segundo Max Weber.

⁸⁹ J. HABERMAS, “L’actualité de Walter Benjamin”, cit., p. 12 (tradução francesa ligeiramente modificada por mim).

⁹⁰ Segundo Weber, “Dominação (*Herrschaft*) significa a chance de encontrar pessoas determinadas prontas para obedecer a uma ordem de conteúdo determinado”. M. WEBER, *Économie et société* (Paris, Plon, 1972), p. 56 [ed. bras.: *Economia e sociedade*, Brasília, UNB, 1994].

der por meio de uma associação sempre específica da manipulação e da violência. Aliás, ele utiliza frequentemente o termo mais explícito *Unterdrückung*, opressão: nas “teses” e nas notas preparatórias, as classes reinantes são designadas tanto como *die Herrhenden*, as dominantes, quanto como *die Unterdrückter*, as opressoras. A crítica da dominação da Escola de Frankfurt foi, sem dúvida, influenciada por Benjamin, mas Adorno e Horkheimer insistem menos no poder de classe – a associação entre dominação e exploração – do que no autoritarismo estatal, a “administração total”. No entanto, todos compartilham da preocupação de Marx com a dominação exercida por estruturas impessoais alienadas, como o capital ou a mercadoria.

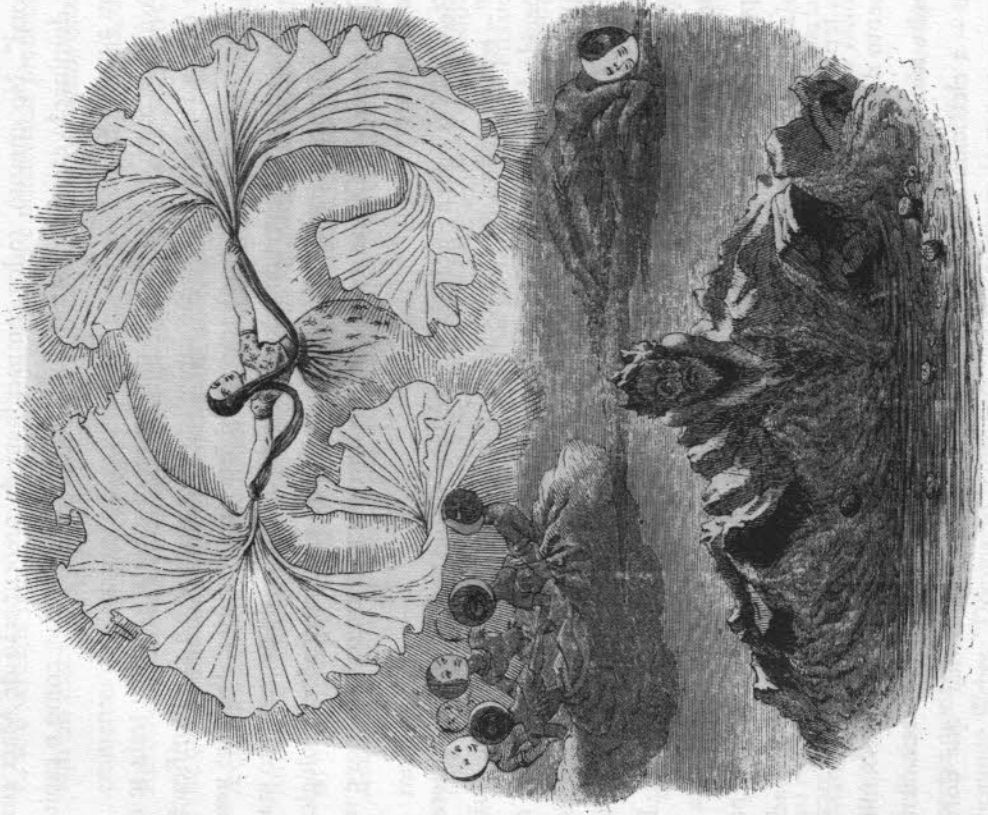
A última parte da tese XI é de uma extraordinária atualidade: trata-se de uma crítica radical à exploração capitalista da natureza, e à sua glorificação pelo marxismo vulgar, de inspiração positivista e tecnocrática. Também nessa área, Benjamin ocupa uma posição singular no panorama do pensamento marxista da primeira metade do século. Antecipando as preocupações ecológicas do final do século XX, ele sonha com um novo pacto entre os humanos e seu meio ambiente.

Benjamin se opõe à ideologia “progressista” de um certo socialismo “científico” – representado aqui pelo socialpositivista alemão Joseph Dietzgen, muito esquecido hoje, mas muito popular na socialdemocracia alemã da virada do século (e citado muitas vezes por Lenin em *Materialismo e empiriocriticismo**, sua obra mais “ortodoxa”) – que reduz a natureza a uma matéria-prima da indústria, a uma mercadoria “gratuita”, a um objeto de dominação e de exploração ilimitada. Contra essa conduta, Benjamin não hesita em apelar para as utopias dos primeiros socialistas – *Vormärz*, do Pré-Março de 1848 – e, particularmente, para os sonhos fantásticos de Fourier (que serão saudados com fervor por André Breton, dez anos depois). Sensível à poesia e ao encantamento desses sonhos, Benjamin os interpreta como uma intuição de outra relação, não-destruidora, com a natureza, levando a novas descobertas científicas – a electricidade poderia ser um exemplo de força virtual “que dorme

* *Materialisme et empiriocritisme* [ed. bras.: *Materialismo e empiriocriticismo*, em *Obras escolhidas*, São Paulo, Alfa-Omega, 1982].

na natureza” – e, ao mesmo tempo, ao restabelecimento da harmonia perdida entre a sociedade e o ambiente natural...

O interesse e a admiração de Benjamin por Fourier não parou de crescer durante os anos 1930. *Das Passagen-Werk* esclarece as observações da tese XI: Benjamin não opõe Fourier a Marx – ele observa com cuidado todos os elogios de Marx e de Engels à “colossal concepção do ser humano” e às geniais “intuições de um mundo novo” do inventor dos falanstérios – mas ao marxismo



Grandville, “Le système de Fourier”, *Un autre monde*, 1844.

vulgar comum nas principais correntes da esquerda⁹¹. Associando estreitamente a abolição da exploração do trabalho humano e a da natureza, Benjamin encontra no “trabalho apaixonado” dos harmonienses, inspirado na “brincadeira de crianças”, o modelo utópico de uma atividade emancipada. E escreve: “Fazer da brincadeira o cânon de um trabalho, que não é mais explorado, é um dos maiores méritos de Fourier. Um trabalho cujo espírito, constituído assim pela brincadeira, não é mais orientado para a produção de valores, mas para uma natureza aperfeiçoada. É à custa disso que se assistirá ao nascimento de um mundo novo em que a ação é irmã do sonho.”⁹²

Em *Das Passagen-Werk*, o nome de Fourier é associado ao de Bachofen, que havia descoberto na sociedade matriarcal a imagem ancestral dessa reconciliação, sob a forma de culto à natureza como mãe generosa – em oposição radical à concepção assassina (*mörderische*) da exploração da natureza, dominante desde o século XIX. Na harmonia ideal entre a sociedade e a natureza com a qual sonhava o socialista utópico, Benjamin percebe reminiscências de um paraíso pré-histórico perdido. É a razão pela qual, no ensaio “Paris, capital do século XIX” (1939), ele se refere a Fourier como exemplo da conjugação entre o antigo e o novo em uma utopia que dá vida nova aos símbolos primitivos (*Uralte*) do desejo⁹³.

⁹¹ W. BENJAMIN, “Paris, die Hauptstadt des XIX. Jahrhunderts” cit., p. 64: “Marx tomou posição diante de Carl Grün para defender Fourier e valorizar sua concepção colossal do homem. Ele considerava Fourier o único homem ao lado de Hegel que descobriu a mediocridade do princípio do pequeno-burguês. (...) Uma das características mais marcantes da utopia fourierista é que a idéia de exploração da natureza pelo homem, tão espalhada na época posterior, lhe é estranha”. Como observou, com pertinência, Philippe Ivernel, Benjamin vai “cruzar” os pensamentos de Marx e de Fourier, “de tal forma que eles se corrigem, se redireccionam e se dinamizam mutuamente” (“Paris capitale du Front populaire ou la vie posthume du XIX^e siècle” em H. WISMANN (org.) *Walter Benjamin et Paris*, p. 266).

⁹² W. BENJAMIN, *Das Passagen-Werk*, cit., p. 456.

⁹³ *Ibidem*, p. 47: A maquinaria das paixões de Fourier “produz o país imaginário que tem tudo em abundância, o símbolo primitivo, que a utopia de Fourier encheu de vida nova. Cf. p. 456, em que Benjamin passa de Fourier a Bachofen. Ver também o artigo sobre Bachofen de 1935, mencionado em nossa introdução.